

Severino Antônio

# A EDUCAÇÃO E O FUTURO

*Palestra na **Brazil Conference Harvard & MIT***  
e outros textos

 **tessituras** EDIÇÕES

Editora Penalux,  
Guaratinguetá, 2018



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Severino Antônio

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A635A ANTÔNIO, Severino. 1951-  
A EDUCAÇÃO E O FUTURO / SEVERINO ANTÔNIO. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2018.

84 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-377-1

1. ENSAIO I. TÍTULO

CDD.: B869.4

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação, ensaios, arte, filosofia

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# **BRAZIL CONFERENCE**

## **A HARVARD & MIT STUDENT INITIATIVE**

### **A EDUCAÇÃO E O FUTURO**

O tema “O futuro da educação no Brasil” é demasiadamente amplo e complexo e nos chama a pensar e a dialogar.

Nesta conversa pretendo relembrar algumas questões fundamentais, a partir da concepção de que é necessária uma nova escuta poética da experiência educativa, que não dissocie a sua tessitura de interações e interdependências. Farei também algumas sugestões: educar para a criação; ensinar e aprender a complexidade; formar sujeitos autores. Como começo da conversa, uma pergunta: ainda há tempo de fazer o futuro? Ainda há tempo de o futuro ser o que fizermos dele?

Essa pergunta revela a necessidade vital de encontros, de debates, de escuta e diálogo para a vida presente e para a vida futura. Precisamos de ideias que sejam significativas e que funcionem. Precisamos de reflexões ao mesmo tempo críticas e criadoras. Em outras palavras, precisamos de práxis e de poiesis. De práticas reflexivas e transformadoras. E de atos criativos, de descoberta e invenção do novo. Do novo, não da última novidade do mercado. Práxis e poiesis, igualmente fundamentais em um mundo de mudanças vertiginosas.

Como epígrafe, duas lembranças: a primeira, ideias matrizes de Comenius; a segunda, um poema de Tarcísio Bregalda.

Em meados do século XVII, Comenius foi convidado para ser reitor de Harvard. Não pôde vir, foi para a Suécia, fazer a reforma das escolas e da educação. Esse pensador pode ser um símbolo desse nosso encontro para dialogar sobre o futuro da educação no Brasil.

Quase quatro séculos atrás, Comenius acreditava que deveríamos ensinar a todos:

*“Devem ser enviados às escolas não apenas os filhos dos ricos ou dos cidadãos principais, mas todos por igual, nobres e plebeus, ricos e pobres, rapazes e raparigas, em todas as cidades, vilas, aldeias e casais isolados”.*

A escola deveria ser um lugar de ensinar e aprender com alegria, uma escola em que fosse “*imprescindível despertar nas crianças o amor pelo saber e pelo aprender*”. Uma escola que ligasse a educação à vida. Uma escola que não fosse “*espantelho das crianças*”, nem “*câmara de tortura da inteligência*”. Essas são palavras da *Didática Magna*. Comenius levava os alunos para fora da sala de aula, para ler o livro da natureza, assim como deviam ler o livro de suas mentes, o de si mesmos, e o livro de Deus.

No ensino das Ciências, partia da observação, depois vinham a teoria e as formulações, de modo gradativo, do mais simples para o mais complexo. No ensino das línguas, a conversação antecedia as regras gramaticais: primeiro a linguagem, depois a metalinguagem. Comenius junta a utopia no sentido do que ainda não existe, mas precisa existir, com atividades práticas no cotidiano do tempo presente. Além do método que tem atravessado séculos, fez os primeiros textos didáticos com ilustrações, sensibilizadoras e motivadoras. Até hoje sua revolução educacional tem ressonâncias, embora o seu nome seja pouco lembrado.

Como Comenius, também nós queremos uma escola para todos, uma escola que tenha vida, que desperte o desejo de conhecer, o gosto de pensar, a alegria de criar. Uma escola que contribua para diminuir o sofrimento humano, que faça a parte que lhe cabe para

erradicar as violências, as injustiças, as diferentes formas de miséria.

A segunda lembrança, como epígrafe, é um poema contemporâneo, de Tarcísio Bregalda. Um pequeno poema, de três linhas, com rara capacidade de evocação, de fazer sentir e pensar, de nos despertar o sentimento de que estamos vivos, de nos chamar para a criação:

*São milhões as galáxias*

*e as mulheres.*

*E eu não te esqueço.*

**(Navegações em três linhas)**

Precisamos de uma educação com poesia, com arte, com representações simbólicas, com imagens que chamem para viver e criar. Cultura é vida. Educação é vida. Precisamos de exercícios que religuem a emoção e a inteligência. Que despertem o desejo de criar, de viver, de conviver. Experiências de criação e recriação de sentido: como sentimento, como significação, como rumo. A arte e a literatura são imprescindíveis para a formação humana, para o ideal educativo de alargar as margens da razão, da sensibilidade, da imaginação.

Dentre muitos autores, penso em Paul Valéry, a nos ensinar que se não formos capazes de viver imaginariamente outras vidas, não seremos capazes de viver nem a nossa própria vida. Penso em Antônio Cândido,

para quem a literatura, direito humano inalienável, “*humaniza porque faz viver*”. Penso em Todorov:

*(...) a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de conhecê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.*

**(A Literatura em Perigo)**

Essas palavras têm correspondências e ressonâncias com as de Vargas Llosa, em seu discurso ao receber o Nobel:

*“um mundo sem literatura se transformaria num mundo sem desejos, sem ideais, sem desobediência, um mundo de autômatos privados daquilo que torna humano um ser humano: a capacidade de sair de si mesmo e*

*de se transformar em outro, em outros, modelados pela argila dos nossos sonhos”.*

Na verdade, com o poema de Tarcísio Bregalda, já estamos na primeira das três sugestões para o presente e para o futuro da educação brasileira: **EDUCAR PARA A CRIAÇÃO.**

Muitas considerações sobre o papel da Universidade no século XXI, como nas comemorações dos oitenta anos da USP, acentuam a Universidade como um lugar de reflexão, de liberdade e desenvolvimento da capacidade criativa, assim como reiteram a necessidade de os alunos terem ideias próprias, para resolver os novos problemas com que a realidade contemporânea nos desafia, e cada vez mais nos desafiará, e também para proporem novas questões, na sociedade em transformação incessante, a um ritmo que antes nem poderíamos imaginar. Quem pode indicar o que será o mundo nos próximos 30 anos? O aluno precisa aprender a pensar o mundo em termos probabilísticos, em campos de possíveis, com a necessária abertura para a incerteza, o que acentua, muito mais do que antes, a importância vital da capacidade criativa.

Educar para a criação é ainda mais fundamental hoje do que em outras épocas, não só porque nossa realidade é assinalada por mudanças vertiginosas no cotidiano, principalmente na contínua revolução tecnológica, mas também porque aos desafios seculares como o da



abissal desigualdade se acrescentam novos desafios, antes nem imaginados, como o da grave ameaça de devastação da Terra em escala planetária, ou o da inteligência artificial, que confronta limite cognitivos humanos, assim como o desafio de criar e recriar sentido, com a avalanche de informações de cada dia, em uma sociedade multimidiática, dominada pela lógica do entretenimento. Sociedade em que nos sentimos saturados de informações, muitas vezes confusas e descontextualizadas. Em que estamos conectados e ao mesmo tempo dispersos, desatentos, desconexos. Ao mesmo tempo fragmentados sintaticamente e lineares semanticamente. Cotidianamente instrumentalizados para a comunicação, mas profundamente solitários. Simultaneamente excitados e enfasiados.

Uma necessidade fundamental da educação também se faz mais significativa hoje: a do aluno aprender a transformar informações em conhecimento, para que tenha ideias próprias, voz própria, capacidade de escuta e diálogo. No cotidiano saturado de informações e imagens, é ainda mais relevante que o aluno aprenda a escolher, a analisar, a relacionar, a interpretar diferentes sentidos. Em outras palavras: aprender a ler nas entrelinhas. A escrever nas entrelinhas.

Assim, educar para o desenvolvimento da capacidade criativa torna-se cada vez mais primordial, como dimensão de uma educação humanista para o presente e para a vida futura. Diante do avanço vertiginoso das



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

 **tessituras**<sup>EDICÕES</sup>



[severinoantonioeduc@uol.com.br](mailto:severinoantonioeduc@uol.com.br)



[/severinoantonioeduc](https://www.facebook.com/severinoantonioeduc)